

Espelho da prova

Questão 1:

O candidato deve assinalar em que consiste o tipo ideal. Falar que é um instrumento que capta a especificidade de comportamentos humanos a partir dos sentidos da ação dos indivíduos. O pesquisador começa a construir o tipo ideal isolando um aspecto efetivamente observado da realidade. A partir daí se deve falar e detalhar em que consiste a imputação causal propiciada pelo tipo-ideal, ou seja, imaginar que aquele sentido isolado de ações efetivamente observadas se torna a única motivação pela qual os indivíduos agem. Aí reside a ficção e o exagero no recurso ao tipo-ideal. Uma vez detalhado em que consiste o tipo-ideal, deve-se indicar como ele é utilizado, ao se comparar o tipo com a realidade e chegar até o conceito que passa a representar a realidade específica. No caso do texto, detalhar como o autor se interessa pelos sentidos de seguidores de religiões “mundiais” em direção a atitude de rejeição ao mundo, em atitudes ascéticas, que tendo feições nas diferentes religiões mencionadas no texto, leva a diferentes desdobramentos em relação aos sentidos econômicos da vida, esfera de valor por excelência que encarna o mundano. Assim, o candidato precisa detalhar os diferentes tipos de relação entre os sentidos de rejeição ao mundo em diferentes religiões e as diversificadas repercussões no desenvolvimento de comportamentos econômicos.

No segundo item da questão, o candidato precisa apontar contrastes entre o recurso ao tipo ideal de Weber e ao tipo genérico de Durkheim. Neste último destaca-se a perspectiva da busca por elementos psíquicos que sejam comuns aos indivíduos, permitindo apontar a realidade da consciência coletiva. O candidato precisa explicar de que consiste a consciência coletiva

e de que forma ela é constituída, para assim se chegar ao tipo genérico. O problema da religião aparece justamente para assinalar os fundamentos de constituição da sociedade: realidade psíquica e simbólica. Nesse sentido, os elementos religiosos não dizem respeito apenas a um aspecto específico da vida social, mas elementos basilares do funcionamento da sociedade. Os símbolos são fontes de conhecimento e fé ou, em outros termos, tem a função de ligar os indivíduos pela crença e pelo saber. O candidato precisa explicar como as funções de conhecimento e fé das religiões se relacionam com as funções de coesão social mais gerais das sociedades.

Questão 2

Espera-se do candidato que explique a ideia de "consciência não pura" desenvolvida por Karl Marx, enfatizando ser ela construto social, fruto de relações de poder, de interesse de classe, mais especificamente da classe dominante, detentora dos meios de produção. Espera-se, ainda, que o candidato seja capaz de destacar que tal consciência tem por objetivo a produção e a manutenção das desigualdades sociais no interior da sociedade de classe (sociedade capitalista), destacando que as ideias que dominam uma época são as ideias da classe dominante dessa mesma época.

Cabe ao candidato destacar que a "consciência não pura", de Marx, não é marcada pela harmonia, mas pelo movimento dialético da História, pelas lutas de classe.

Almeja-se que o candidato seja capaz de diferenciar a ideia de "consciência não pura" de Karl Marx do conceito de "consciência coletiva", evidenciando que enquanto a primeira é entendida como resultado do conflito e das relações assimétricas de poder, a segunda seria resultado do conjunto de crenças e sentimentos comuns à média dos membros da sociedade, sendo entendida como um fenômeno que evidencia a harmonia social. Enquanto que a consciência coletiva estaria acima das consciências particularidades dos indivíduos, tendo sua sede na coletividade, em Marx a "consciência não pura" seria construto de grupos sociais visando impor suas ideias a outro

grupo, mais especificamente à classe trabalhadora, com vistas a manter as relações de dominação.

Questão 3

Nessa questão o candidato deve destacar a importância do conceito de agência no conjunto das preocupações da Sociologia contemporânea, mostrando como Margareth Archer e Bernard Lahire têm se debruçado sobre a discussão. Ambos os autores partem do pressuposto de que para compreender como o indivíduo atua na sociedade, é fundamental entender como a sociedade atua no indivíduo. Diferente dos modelos teóricos que possuem como referência o indivíduo livre das pressões estruturais ou por outro lado, o indivíduo completamente subsumido pelas normas sociais, Lahire e Archer oferecem alternativas que destacam a intersecção entre as dimensões macro e micro da realidade social.

Desse modo, é importante apresentar a crítica de ambos aos modelos que valorizam uma dimensão em detrimento da outra. Archer, por exemplo, considera reducionistas ambas as perspectivas que ela define a partir das ideias de homem “sub-socializado” e “super-socializado”, a primeira que se expressa por uma concepção de humanidade que não é devedora da sociedade e outra que apresenta o homem como um produto social passivo. A autora oferece como alternativa a perspectiva do realismo social, que prioriza dentre outras coisas a dimensão temporal, a autonomia relativa dos indivíduos, a eficácia causal em relação a maneira como nos constituímos enquanto seres sociais e a instância da reflexividade. É a partir do conceito de “sentido de self” que Archer desmonta a tradição epistêmica endossadas tanto pelo sociocentrismo como também pelo antropocentrismo. Para a autora é o “ser no mundo” ou o “estar situado” que deve ser levado em consideração, pois são condições primeiras da existência e que antecedem os princípios de racionalização. “Estes efeitos são independentes de nossa capacidade de descrevê-los, assim como a gravidade já nos influenciava muito antes que pudéssemos conceitua-la”(p.56). A primazia da prática é também um elemento que deve ser destacado na abordagem de Archer. Para a autora, nossa auto-consciência deriva justamente das práticas

personificadas na realidade, ou seja, ela emerge a partir da nossa relação com o mundo. O conceito de identidade pessoal também deve ser destacado, pois ela se relaciona diretamente a ideia de “sentido contínuo do self”. Essa identidade deriva das interações do “Eu” com o mundo e suas ordens naturais, prática e social.

No que diz respeito a discussão proposta por Lahire, é imprescindível problematizar os elementos que compreendem a unidade do ator e sua fragmentaridade. Em relação a unidade da ação social, Lahire indica que Pierre Bourdieu e Jean Piaget são dois de seus principais representantes, pois em ambas as teorias percebe-se a força que as estruturas exercem na construção das disposições; elementos que são definidores das ações. Já em relação a fragmentaridade, Lahire destaca a importância de perspectivas teóricas como o interacionismo simbólico. Para os representantes dessa vertente, as ações dos sujeitos são produzidas a partir das interações dos agentes, logo, não existiria uma preponderância das estruturas. Assim como Archer, que destaca o realismo social como alternativa ao modelo do homem sub-socializado ou supersocializado, Lahire propõe a ideia de homem plural como alternativa as visões de unidade e fragmentaridade do ator. Ele também desenvolve a ideia de habitus plural para mostrar que o habitus não é uma construção engessada, determinada por disposições produzidas por estruturas, e que ele também resulta das experiências que os agentes vivenciam cotidianamente. Desse modo não se trata de excluir uma perspectiva em detrimento da outra, mas de reuni-las sob uma nova perspectiva que não perde de vista as limitações estruturais, a dinâmica da vida social e a reflexividade dos agentes.

Obs: O candidato deve descrever os conceitos mencionados.